

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

ALZIRA DE SOUZA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistada - Alzira de Souza

Entrevistadores – Fábio de Souza (FS) e Michele Soares

Data – 12/05/2005

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 15min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SOUZA, Alzira de. *Alzira de Souza. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2005. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 5p.

Data: 12/05/2005

Fita 1 – Lado A

FS – Projeto de monografia, fita 1, Fábio e Michele. Dia 12 de maio de 2005. Dona Alzira, conta um pouquinho pra gente da história dessa comunidade aqui, de Varginha, desde que a senhora veio morar aqui, ou desde que a senhora ajudou aqui a fazer crescer essa comunidade.

AS – Essa comunidade... Quando nós viemos pra cá isso aqui era um barraco, né? No barraco (??). Aí, ‘passamo’ pra cá, (??) (*casa?*), tudo, ‘passamo’ pra cá, e agora melhorou. Dizem que (*é sobra?*), (*que dá melhor?*). A melhor moradia é aqui na Varginha, na Varginha, que é o melhor lugar da gente se morar. Mas de morada é que eu passei bastante aperto aqui, né? Eu tinha uma tendinha, aqui era o barracão. Tinha duas mesas de sinuca, trabalhava pra danar, né, trabalhava às ‘vez’ a noite toda, pegava caixa de cerveja e ia daqui, ia dali... Mas a polícia atormentava muito, né?

FS – É?

AS – A polícia atormentava muito. Aí, eles ‘ficava’ (?) (*barulho forte*) polícia. Aí, na hora que eles ‘via’ polícia eles ‘corria’ ‘tudo’ pra dentro, né, ‘corria’ ‘tudo’ pra dentro. Aí, já passei vários ‘aperto’ aqui, né, assim, né, não que a gente desse motivo, né, não que a gente desse motivo. A gente trabalhava porque precisava trabalhar. No (*setor igual?*) da minha filha tem um (*barzinho ali?*) agora. A idéia dela era arrumar um bar (?), arrumou. Aí, nós ‘viemo’ pra cá, não tinha casa quase nenhuma aqui, era mato puro! Ali era um matagal, era um campo, um matagal! Aqui a gente passava pra Jacarezinho. Agora eles ‘desenvolveu’ tudo e ‘diz’ que... Ele melhorou, né, melhorou. Agora tem casa (*pintada?*), tem essas ‘casa’ aqui. Da banda de lá também fizeram muita casa nova e...

FS – A senhora lembra mais ou menos o ano em que a senhora veio pra cá?

AS – Hein?

FS – A senhora lembra mais ou menos o ano em que veio pra cá?

AS – Eu sei que nós ‘mora’ aqui acho que mais de uns 40 ‘ano’...

FS – É?

AS - ... que eu tenho as ‘promissória’ aí, tenho as ‘promissória’, mas eu nem sei onde ‘tá’, nem sei onde ‘tá’, porque o barraco aqui foi pago, né, pago até com dinheiro de lavagem de roupa que eu lavava e tudo. A água aqui era (*rolada?*) numa rede lá do Morro de Amorim. O primeiro dinheirinho que nós ‘arrumamo’ nós (?) botar água, né? Assim foi, (*inaudível*) devagar.

FS – E a senhora tem histórias de acontecimentos aqui, que encheu, enchentes, esse tipo de coisa?

AS – Enchente? Enchente aqui, encheu... a água encontrava lá na porta da sala da outra casa, né? Enchente ‘terrívi’! Agora, depois que eles fizeram essa ‘esmolição’ melhorou um bocadinho a enchente, mas a enchente, agora, ela veio que... ‘Dizi’ que a maré encontrou, eu não vi, não, ‘dizi’ que a maré encontrou, eu não vi, não.

FS – A senhora lembra de quando teve a enchente aqui?

AS – Quando?

FS – Quando.

AS – Ah, meu filho, isso eu não guardo, (??) (*minha?*) cabeça, né?

FS – Dona Alzira, quando teve a eleição do Brizola a senhora lembra?

AS – Lembro.

FS – Então. O que é que ele fez aqui pela comunidade?

AS – Brizola?

FS – É.

AS – O Brizola fez os... como é que é... os ‘CEPS’, né, ele trabalhou muito aí, coitado.

FS – Foi ele que asfaltou essa rua aqui?

AS – Sabe que eu nem sei? O Pedro (??), se eu chamasse o Pedro o Pedro sabe.

FS – Pedro é o genro da senhora?

AS – O meu filho.

FS – O seu filho?

AS – É.

FS – Essa casa aqui é da senhora e a casa do lado também, né?

AS – A casa do lado?

FS – Isso.

AS – É, o (*Márcio?*) agora comprou essa casa, (*alguém grita*) o (*Márcio?*) comprou, porque pra (??) lá fora, que nós ‘ficar’ pensando de certas ‘pessoa’ (*inaudível*), aí o (*Márcio?*) comprou ela. Agora a moça alugou pra botar um... (?) aí, (??). O (*Márcio?*) não podia arrumar ela agora, né, meu genro (*inaudível*). Essa casa tem muita coisa que fazer nela, mas eu falei assim, ó: “Eu não ‘to’ nem esquentando. Eu já ‘to’ velha...” Ainda agora mesmo eu falei pra minha neta: “Eu já ‘to’ velha já, e dando pra ‘mim’ morar dentro é o que serve.” Ela tá dando goteira numa porção de lugar, precisava fazer uma cobertura, (*tá na hora?*) (?) de fazer... E o menino falou de ‘panhar’ ‘empresti’ no banco, né, mas eu não quero que ele ‘panhe’, não quero que ele ‘panhe’. Mas ele é teimoso, não sei se ele vai ‘panhar’.

FS – Qual o acontecimento na vida da senhora que mais marcou aqui, relacionado ao lugar onde a senhora mora, aqui?

AS – Acontecimento? Depois que eu ‘to’ morando aqui?

FS – Isso.

AS – É que a minha história é grande. Se eu for contar desde que eu nasci! Eu sou do tempo da escravidão.

FS – Ah, é?

AS – No ano que meu avô comprou um casal de ‘escravo’ pra trabalhar pra ele a escravidão acabou, escravidão acabou. De maneira que eu lembro do pessoal do meu pai (*todinho?*), (?) (*todinho?*).

FS – Não, mas aqui, da comunidade, desde que a senhora veio pra cá.

AS - Da comunidade? Nós ‘viemo’ pra cá, ‘lutemo’ bastante, né, agora tá melhorando um bocadinho, né, agora melhorou um pouco, um bocadinho.

FS – Tá bom. Obrigado, dona Alzira, obrigado pela ajuda, tá? Obrigado. Eu vou falar com a Raquel. Obrigado.

AS – Se quiser eu chamo o menino (*mas ela pra ‘vim’ cá?*).

FS – É, mas eles estão trabalhando. Eu vou... eu combinei com a Raquel...

AS – Pedro não tá, não. (*interrupção na fita*)